

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

26



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2017

STEPHANIE LYNN BUDIN et JEAN MACINTOSH TURFA, eds. (2016), *Women in Antiquity. Real Women across the Ancient World*, London/New York, Routledge, 1074 pp. ISBN 978-1-138-80836-2 (Hardcover: £148.00; e-book: £37.79).

Esta volumosa edição é uma oportuna e bem-vinda alternativa ao *Companion to Women in the Ancient World*, publicado já em 2012, sob a coordenação de S. L. James e S. Dillon. Note-se que esta era já uma publicação de grande qualidade que primava, e prima, sobretudo, pelas propostas de «estado da questão» relativamente à História das Mulheres na Antiguidade em geral, mas que abrangia essencialmente os universos grego e romano. O que o livro agora publicado pela Routledge traz de novo é precisamente uma actualização desses dados e uma perspectiva renovada das mesmas problemáticas, feita por uma nova equipa, com um alargamento considerável do objecto em análise, sobretudo em termos espaço-temporais.

Um total de 75 autores, de várias nacionalidades, apresentam agora o seu contributo, em 74 artigos, através dos quais se obtém o que podemos designar de renovada «História das Mulheres na Antiguidade». O livro está dividido por áreas ou complexos histórico-geográficos, correspondentes a nove partes específicas.

A primeira parte, intitulada «Mesopotâmia» (pp. 9-174), é constituída por onze textos, ao longo dos quais podemos encontrar reflexões e investigações sobre a sexualidade das mulheres, sobre a maternidade, sobre o poder no feminino e as relações das mulheres com o poder masculino, sobre o trabalho e sobre a religião e a forma como estas categorias era vivida no feminino. O denominador comum a anexar ao estatuto de mulher é, naturalmente, a Mesopotâmia. A segunda parte é dedicada ao Egipto (pp. 175-298), o qual é analisado na perspectiva das mulheres ao longo de nove textos. Aqui, podemos ler sobre temáticas comuns às da parte anterior (e.g. sexualidade, maternidade, religião e poder), mas também sobre temáticas específicas, de que o exemplo de o capítulo assinado por K. Zinn sobre Amarna é o que mais se destaca.

Particularmente bem-vindas são as partes III e IV («Hitites» e «Cyprus», respectivamente, pp. 299-342 e 343-434), dado que se trata de temas menos frequentemente presentes em obras deste tipo. Apesar de serem partes menos encorpadas em termos de número de estudos a elas dedicadas, há que salientar a sua presença e a importância que isso traduz numa obra desta natureza. Os estudos sobre o mundo hitita são mais sociológicos (abordando temáticas como a condição feminina, a maternidade e a relação com a religião), enquanto os que se centram no universo cipriota estão mais presos às evidências reveladas pela cultura material (com estudos sobre bioarqueologia e arte, e.g.). Mas essa diferença deriva, parece-nos, sobretudo da natureza das fontes disponíveis e utilizadas.

A parte V foca-se no espaço levantino e em Cartago (pp. 435-552), traduzindo assim uma opção de especificar o mundo púnico sem, no entanto, esquecer a sua raiz, como atestam os estudos sobre Ugarit, Canaã e a Filistia. Aqui, podemos ler nove textos de qualidade superior acerca das funcionalidades e representações femininas nesses espaços, em cronologias que abarcam as categorias do pré e do clássico.

Com a parte VI, «The Aegean, Bronze Age and historical» (pp. 553-738), entramos no universo helénico. Digamos que são precisas mais de cinco centenas de páginas para chegarmos ao ponto a partir do qual muitas outras Histórias das Mulheres Antigas começam, o que nos parece ser um dado muito pertinente. Em onze artigos, encontramos a mais actualizada informação e reflexão acerca das mulheres minoicas e micénias, às mulheres do mundo homérico, do mundo arcaico, clássico e helenístico. Pela sua pertinência (e.g. trabalho, prostituição, maternidade), há temas aqui tratados

que ganham destaque. Alguns destes textos vêm assinados por nomes experientes neste domínio científico, como são os de S. L. Budin e A. Glazebrook.

Igualmente de salientar é o facto de o mundo etrusco e itálico pré-romano ter aqui direito a usufruir de uma parte substancial do livro, ocupando mais de uma centena de páginas («Etrúria and the Italian archipelago», pp. 739-882). Estudos sobre a maternidade, o casamento, a saúde e a escravatura neste complexo espaço-temporal dão uma consistência significativa ao livro. A parte VIII, «Rome» (pp. 883-964), é constituída por sete estudos apenas. E este nosso «apenas» deriva do facto de aqui se estar a falar sobre Roma, uma das áreas até agora privilegiadas neste domínio. Talvez por isso, contudo, se encontre agora um número menos chamativo para uma categoria tão abrangente como «Mundo Romano». São sobretudo as funções sociais (desde a maternidade ao exercício de ofícios ou profissões, como a prostituição e a gladiatura) que aqui são analisadas e sintetizadas.

A penúltima parte do livro («At the edges», pp. 965-1038) é reservada aos temas marginais e da marginalidade. Por isso mesmo, arriscamos escrever que se trata de uma das partes mais interessantes, pela originalidade também, que podemos ler no volume. Aqui, encontramos estudos sobre as mulheres como guerreiras (clássico tema das Amazonas), as mulheres do mundo celta e do mundo escandinavo e, tema que salientamos em particular por razões óbvias, as mulheres do mundo ibérico, num bem conseguido texto de síntese assinado por L. Prados Torreira.

Recorrendo ao italianismo *Coda* («cauda» ou, por conseguinte, «final» ou «a terminar»), termo usado sobretudo na música, as editoras optaram por encerrar de modo elegante este conjunto de estudos com um texto de K. L. Gaca sobre a permanência de algumas atitudes em relação às mulheres, sobretudo em sociedades patriarcais, desde a Antiguidade (pp. 1039-1056). Com esta opção, há claramente uma intencionalidade politizada que, no entanto, não deixa de ter a sua utilidade, porquanto mostrar que a História, mais do que uma mera curiosidade pelo passado, é essencialmente uma matriz de reflexão social, política, mental, com vista à acção no presente e no futuro. Também nos parece significativo, ainda que eventualmente não intencional, que da totalidade dos autores dos estudos, apenas uma minoria de 16 seja masculina. Por outro lado, isso também poderá traduzir, de forma sociológica, o tipo ou perfil de investigador que cada tópico a investigar atrai.

O volume em recensão inclui ainda mapas e cronologias, bem como sínteses de história política que são da maior utilidade, bem como um índice geral e bibliografias actualizadas para cada tópico em estudo.

Nuno Simões Rodrigues

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

MARIA REGINA CÂNDIDO, org. (2012), *Mulheres na Antiguidade*. Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos da Antiguidade/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 368 pp. ISBN 978-85-60538-08-9.

Esta obra é uma ambiciosa colectânea de 22 pequenos estudos sobre figuras de mulher na Antiguidade, abarcando um arco temporal que vai desde o III milénio a.C. até cerca do século IX da nossa era e um espaço geográfico que, desde a Mesopotâmia e o antigo Egipto, passa pela Arábia, Grécia e Roma. É coordenada pela professora associada de História Antiga da Universidade do Rio